

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nayara Fileni Prodócimo
Martha Franco Diniz Hueb
(Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM – Uberaba-MG)

Resumo

Este relato de experiência teve por objetivo apresentar e discutir o trabalho de acolhimento psicológico implementado dentro de uma clínica-escola, e que era oferecido à comunidade aberta. Para tal, utilizou-se o referencial psicanalítico. A partir da revisão teórica, e das orientações nas supervisões, discutiu-se a proposta de atendimento e as implicações desta na vida dos usuários. No caso relatado, identificaram-se, através da fala da paciente, benefícios que esta prática trouxe em sua vida, e destacou-se a importância de se oferecer esse suporte à comunidade, assim como um tratamento prolongado em casos de maior agravamento.

Palavras-chave: clínica-escola; acolhimento psicológico; psicanálise; estágio.

Abstract

Home school psychological clinic: an experience report

This experience report aimed to present and discuss the work of psychological care implemented within a school clinic, and was offered to the public community. To this end, we used the psychoanalytical. From the literature review, guidance and supervision in, discussed the proposed service and its implications on the lives of users. In our case, were identified through the patient's speech, that this practice has brought benefits in your life, and stressed the importance of providing this support to the community, as well as prolonged treatment in the event of further deterioration.

Key-words: school clinic, psychological care, psychoanalysis, stage.

Introdução

O presente artigo vem discutir os serviços prestados nas clínicas escolas e ao trazer o

relato de uma experiência de atendimento neste contexto, faz uma articulação com a

teoria psicanalítica a qual foi utilizada para embasar esse tratamento de caráter de acolhimento psicológico.

As clínicas-escola possuem uma rotina complexa que envolve atividades diferentes para atender a objetivos diversos, como as práticas acadêmicas, os estágios, as necessidades da população e de se estruturar dados para que possam ser utilizados em pesquisas em psicologia aplicada. Embora necessárias, atender as vertentes de ensino, pesquisa e extensão não são de fácil articulação dentro do trabalho, mas são desejáveis. (Perfeito & Melo, 2004).

Neste sentido a clínica psicológica nas universidades serve tanto como um espaço de alívio do sofrimento psicológico, quanto como uma porta de entrada para o mundo profissional dos estagiários, que nesse momento tem a oportunidade de manter contato com a atitude clínica de forma mais direta. Entendendo que uma das funções da universidade é garantir a formação de profissionais bem preparados para responder as exigências do mercado, ressalta-se que essa prática profissional torna possível a consolidação da atuação do psicólogo clínico, articulando teoria a técnica. O aluno que passou sua graduação apenas reproduzindo comandos de seus professores, quando ingressar no mercado

de trabalho necessitará se auto-conduzir e ser criativo, sendo assim, a utilização do espaço clínico dentro da universidade pode ser uma oportunidade do aprimoramento do aluno (Mello Silva, Santos & Paulin, 2005).

As clínicas escolas, além de trazerem benefícios para a formação dos estudantes, favorecem também a população, visto que na realidade social do nosso país, ela se torna mais um meio que oferece atendimento qualificado a uma grande parcela da comunidade que não possui recursos para busca de atendimento em outro local (Mello Silva, et al. 2005).

No acolhimento psicológico o estagiário oferece uma hospedagem para as fantasias do paciente, e estas mantêm seu significado até que durante o processo sejam reveladas ou resignificadas, sendo assim, o estagiário possibilita que material de seu paciente flua, para depois tomá-lo em consideração, mantendo dessa forma a função terapêutica (Mello Silva, et al. 2005).

Importante ressaltar que apesar dos grandes benefícios trazidos a comunidade, os serviços prestados dentro das clínicas escolas precisam passar por constante processo de reflexão crítica e análise dos fazeres, permitindo a organização de determinados saberes e a reorganização do

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

trabalho sempre que necessário, visto que por se tratar de um serviço institucionalizado, está sujeito à cristalização pelas características intrínsecas da instituição o que pode colocar o atendimento numa posição inercial que se mostra ineficiente frente à demanda de atendimento (Salinas & Santos, 2002).

No atendimento a ser relatado, o acolhimento terapêutico tinha como foco o alívio das angústias do paciente. Dessa forma o estagiário ouvia as queixas do usuário e depois juntos refletiam sobre o que foi verbalizado, de forma que através da fala o paciente pudesse aliviar aquilo que o angustiava ao ser ouvido dentro de uma escuta compreensiva embasada pela psicanálise. Posteriormente os estagiários eram orientados pela supervisora sobre a condução do caso, de forma a oferecer o melhor atendimento possível ao paciente.

Ressalta-se que nos atendimentos embasados pela psicanálise, alguns elementos são de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho, sendo um deles a transferência.

Segundo Maurano (2006) a transferência está relacionada com o amor e a demanda de ser amado, e ainda com a forma que essa demanda de amor será acolhida, encaminhada e tratada na prática psicanalítica. A transferência pode

funcionar tanto como uma força que impulsiona o tratamento, quanto uma resistência ao mesmo.

Em sua origem, o termo transferência, designa também transmissão, contágio, tradução, e quando utilizado na psicanálise ganha um sentido de estabelecer um laço afetivo intenso que se instaura na relação com o terapeuta. O que mais o caracteriza é a substituição de um afeto por uma pessoa importante na vida do paciente, pela pessoa do terapeuta, que utilizará da sua interpretação para compreender o que está sendo mostrado em ato pelo paciente (Maurano, 2006). Bernardes (2003), analisando a obra de Freud (1914), aponta que a transferência vem como aquilo que não pode ser verbalizado, e é nisso em que estão enlaçados os conteúdos recalcados do inconsciente, sendo assim impossível de dizer sobre, fazendo margem ao que é simbólico.

O sujeito, por vezes, pode manter certas maneiras de agir que se repetem a cada nova relação que se estabelece, como por exemplo, aquele que se comporta como sendo sempre o “coitadinho”, ou o que demanda reconhecimento por parte do outro, como se o sujeito se encontrasse preso em uma trama. Embora a transferência perpetue em todas as relações humanas cotidianas, nem sempre é

identificada. O que ocorre no encontro terapêutico de fundamentação psicanalítica é que ela não passa por despercebida, além do que funcionará como instrumento de trabalho para o terapeuta (Maurano, 2006).

Assim como os vários tipos de relações que estabelecemos com nosso ambiente, é possível que tenhamos vários tipos de transferência. No caso a ser apresentado neste artigo foi possível observar dentre outras, a predominância da transferência positiva da paciente em relação à estagiária.

A esse tipo de transferência referem-se às pulsões libidinais, em especial os sentimentos carinhosos, podendo incluir os desejos eróticos (Zimmerman, 2006). Para que haja a satisfação do desejo pulsional, parte dos elementos libidinais do sujeito se desenvolvem e são incorporadas a personalidade consciente deste, e outra parte sofre interrupções e permanece inconsciente, dissociada da personalidade, dando possibilidades ao surgimento da fantasia. Assim, em cada nova relação, deve-se levar em conta tanto a parte consciente quanto a inconsciente que determinam a forma particular de cada um se relacionar e que estarão sempre repetindo o que foi formado ao longo de sua vida (Pinheiro, 2002).

Durante o processo analítico, mesmo ocorrendo uma transferência positiva, é possível perceber que o paciente também pode apresentar resistências ao atendimento. Essas estão associadas às defesas inconscientes do paciente e entram em atuação quando começamos a tratar de conteúdos reprimidos no inconsciente. Tal fenômeno é denominado de mecanismos de defesa do Ego contra o Id (Brenner, 1973).

Dentre os tipos de defesas existentes, uma delas é denominada projeção. Trata-se de um mecanismo no qual o indivíduo atribui um desejo ou impulso seu a outro, ou mesmo a um objeto. Sendo assim, se este mecanismo é extremamente utilizado, a pessoa pode ter uma percepção errônea de realidade e a capacidade do seu ego analisar a realidade estará prejudicada (Brenner, 1973).

Segundo Almeida (1996), os mecanismos de defesa não devem ser vistos como doença, e sim como “o mais primitivo recurso do Ego para permanecer íntegro e integrado” (Almeida, 1996). Dessa forma fazem parte da constituição da estrutura de personalidade, e será seu uso adequado ou inadequado que caracterizará o comportamento como sadio ou patológico.

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Metodologia

O atendimento que embasa este artigo foi realizado dentro de uma proposta de acolhimento psicológico em uma clínica escola de uma universidade pública mineira. O propósito desse trabalho era aliviar as tensões e angústias daquelas pessoas que procuravam pelo serviço, como uma forma de “ventilar as emoções”, pois se acredita que o fato de poder falar sobre o que se sente e ser ouvido dentro de uma escuta terapêutica, já proporciona benefícios ao paciente. Os casos mais graves, que não encontravam resolutividade neste processo eram encaminhados para uma psicoterapia de tempo mais prolongado.

A proposta do acolhimento psicológico no serviço-escola é de cerca de seis sessões individuais, de acordo com a necessidade apresentada pelo paciente durante o processo. Previamente agendadas de acordo com a disponibilidade dos pacientes e dos estagiários, as sessões ocorriam semanalmente no mesmo horário, assim como as supervisões com um professor responsável por orientar os estagiários em processo de atendimento. Dentro das supervisões ocorriam debates sobre os casos atendidos e orientações de estudos embasados na perspectiva

psicanalítica a respeito de algo que se vivenciava durante o atendimento.

Acolhendo Maria das Dores

O caso a ser relatado trata-se do atendimento de uma paciente, aqui apresentada com um nome fictício com a finalidade de preservar sua identidade. Foi encaminhada para o serviço por um psiquiatra, e já na sua primeira sessão se mostrou muito aberta e com uma grande necessidade de falar. Comunicou de imediato à estagiária que lhe contaria sua vida desde o início para que esta soubesse o que se acontecia com ela nesse momento passando a discursar sobre sua história desde a infância.

Resumidamente relatado aqui, Maria informou sobre uma tentativa de estupro por parte do padrasto, aos cinco anos de idade, o que a levou a morar com sua avó materna. Posteriormente, aos 11 anos voltou a morar com sua mãe, pois como relatou “toda criança tem aquele sonho de morar com a mãe”. Aos 15 anos iniciou um namoro e devido a uma incompreensão por parte da mãe foi expulsa de casa. Não tendo para onde ir, foi buscar abrigo na casa do namorado. Posteriormente engravidou e passou a ser traída pelo então marido, que vivia em uma vida considerada por ela promíscua. Na

época, também sofria agressões por parte dele. Quando o filho nasceu, ela deu um prazo de seis meses ao marido para que ele mudasse de vida, porém como nada ocorreu, ela optou por se separar. Logo depois, se envolveu com outro homem, mas com relacionamento semelhante ao primeiro, pois se repetiam as agressões e traições.

Novamente se separou de uma forma bastante conflituosa, sem conseguir fazer oficialmente. Devido a tantas conturbações passou a trabalhar exaustivamente, como uma válvula de escape, porém após um mês do rompimento com o segundo marido, começou a viver maritalmente com um ex-usuário de drogas. Imensamente descontente com o relacionamento, porém não sabendo como encerrá-lo, tentou cortar os pulsos. Internada em um hospital psiquiátrico, relata do período como “as férias que ela precisava ter retirado e não tirou”. Foi devido a este episódio de internação que a paciente foi orientada a buscar tratamento psicoterápico.

Durante o processo de atendimento, ficou clara a dificuldade que Maria tem em terminar relacionamentos: ofereceu um prazo para o primeiro marido mudar de vida, com o segundo marido não conseguiu formalizar o divórcio e nem se distanciar

dele, inclusive mantendo encontros esporádicos, assim como não conseguiu terminar com seu atual namorado. Além disso, ficou clara a tendência à repetição em seus relacionamentos. Sempre se envolvendo com homens que a agrediam de uma forma ou de outra, e que indiretamente lhe delegavam a responsabilidade para com eles, assumia a função de cuidadora, assim como o controle das finanças da casa.

Apesar de Maria se mostrar consciente dessa repetição e querer eliminá-la, ela não sabia como fazê-lo, embora nos nossos encontros expressasse seu desejo de mudar. Em seus relatos mostrava trazer para o novo relacionamento conjugal expectativas referentes aos relacionamentos anteriores. Com seu novo namorado, ela já se comportava como se tudo o que viveu com os ex-maridos fosse se repetir, mas não percebia que ela colaborava para que isso se mantivesse, tentando ser controladora em demasia, não deixando que o companheiro fosse espontâneo, fosse real.

Com o caminhar do acolhimento psicológico, Maria se mostrou bem mais aliviada, sendo capaz de refletir sobre várias coisas. Relatou à estagiária que ficava pensando muito sobre as “conversas mantidas ali” e que isso a ajudava muito. A

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

paciente disse certa vez: “Eu converso com as amigas, mas não é a mesma coisa, aqui é diferente”. Quando se encerrava o atendimento ela dizia: “Como sempre foi muito bom conversar com você, me sinto muito mais aliviada”.

No entanto, quando lhe foi retomado a proposta de atendimento da clínica-escola naquele momento, como sendo apenas um acolhimento pontual que girava em torno de seis sessões, de forma que os encontros estavam chegando ao fim, a paciente expressou seu desejo em continuar recebendo atendimento psicológico com a estagiária dizendo: “Se pudesse eu gostaria de continuar com você (estagiária), pois foi muito bom para mim, mas se não for possível, tentarei encaminhamento para uma terapia posterior”; o que aparentemente mostrava uma transferência positiva e certa resignação. Porém após esta última fala Maria não conseguiu mais retornar para o encerramento do atendimento, e em contato por telefone, realizado pela estagiária com a intenção de novo agendamento, Maria apenas disse que não havia comparecido, pois havia se atrasado em casa. No entanto não procurou dar maiores esclarecimentos, apenas relatou que como seria mesmo necessário encerrar o atendimento, pensou não ser preciso retornar ao serviço-escola para o

encerramento, fato que mostrou resistência e novamente a dificuldade em terminar de forma conclusiva seus relacionamentos.

Discussão do Caso

No decorrer dos atendimentos, foi possível perceber que a paciente conseguiu fazer reflexões e progressos importantes, tanto pela forma como se apresentava, passando a cuidar melhor da aparência física e se mostrar mais motivada, quanto por conseguir replanejar sua rotina de trabalho de forma que não trabalhasse exaustivamente, e em consequência não tivesse tempo para pensar em si. Conseguiu se reorganizar e começou a fazer coisas que gostava e há tempos não fazia.

Notou-se também uma transferência positiva da paciente para com a estagiária, e assim como Zimerman (2006) relata, a transferência positiva são os sentimentos carinhosos dirigidos a uma pessoa. Pois esta relatava sempre gostar de vir às sessões, inclusive no último encontro em que compareceu, expressou o desejo “Se possível gostaria de continuar com você” referindo-se a dar continuidade no estagio em psicoterapia a ser oferecido no próximo semestre.

Ainda segundo Maurano (2006), o psicoterapeuta de fundamentação

psicanalítica deve utilizar a transferência como um objeto de trabalho e ver o que aquilo pode significar no processo de análise. Dessa forma o fizemos. No relato do caso, foi citada a dificuldade que a paciente encontrava para terminar seus relacionamentos, prolongando-os sempre além do que dizia desejar, mesmo que isso lhe causasse sofrimento. Como ocorria com seu ex-marido, apesar de reconhecer que não lhe fazia bem reencontrar-se com ele, e que queria o rompimento, não o conseguia, pois dizia sentir-se “em débito” para com ele, visto que ele a ajudou certa vez que ela precisou. Isso não ocorria apenas com o ex-marido, mas se dava também com o atual namorado. Inicialmente desejava o fim do namoro, pois se sentia esgotada em ser a única a sustentar a casa, mas não conseguia se desvincular. O acolhimento ajudou-lhe a pensar o relacionamento, de forma a permitir que o atual companheiro pudesse participar mais da relação, em que ela não fosse a única provedora, que também se permitisse a ser cuidada ao invés de apenas cuidar.

Somando-se a isso o fato da paciente sentir-se abandonada pela mãe, e por outras figuras importantes, tornava-se difícil para ela encerrar um

relacionamento, mesmo em se tratando de um relacionamento paciente-estagiária.

Assim, podemos inferir que com o fato de no princípio se dar uma transferência positiva; quando a estagiária aponta a necessidade de se iniciar um processo de encerramento do atendimento, visto que se trabalhava dentro de uma proposta de acolhimento, de escuta terapêutica, esta não compareceu mais para a sessão, se repetindo a dificuldade em finalizar um relacionamento. Compreendendo a dificuldade da paciente, percebe-se que ela “abandona para não ser abandonada”, visto que ela fez investimentos afetivos na relação terapêutica e não conseguia conceber a ideia de que também seria “abandonada” pela terapeuta. Foi abandonada por sua mãe quando criança e quando adolescente; foi abandonada afetivamente pelo primeiro marido; sofreu com o término do primeiro e do segundo casamento, e novamente via-se sendo abandonada, agora pela terapeuta. Dessa forma, ela opta por abandonar o acolhimento. Prevenindo-se de sofrer novamente um abandono, agora é ela quem abandona.

Nesse sentido, infere-se que não compareceu à sessão de desligamento, devido à dificuldade em separar, em finalizar, em romper relacionamentos, fato

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

que aponta a necessidade de se trabalhar mais esta sua dificuldade.

Percebeu-se também como característica da paciente o uso do mecanismo de defesa da projeção, que como explica Brenner (1973) seria a atribuição de um impulso próprio à outra pessoa, fazendo com que haja uma percepção errônea da realidade. Maria disse em sua primeira sessão “Não sei o que acontece, mas eu queria entender o que me faz repetir sempre essa coisa de viver tudo da mesma forma, mesmo sabendo que vai dar errado no final”, referindo-se aos tipos de relacionamentos em que se envolvia. Percebe-se que a paciente projetava nos relacionamentos atuais aquilo que ela viveu nos anteriores, de tal forma que ela já antecipava certos acontecimentos e projetava características de seus ex-maridos no atual namorado, de forma que ela se desmotivava a prosseguir no relacionamento, e também a se proteger do medo de se decepcionar novamente.

Como explica Almeida (1996), o tipo do uso que a paciente faz de suas defesas é que a caracterizará como saudável ou doente. Neste caso analisado, percebe-se que o uso dessa defesa começa a prejudicar o desenvolvimento saudável da vida da paciente, portanto ele pode ser caracterizado como um comportamento de

caráter patológico, que necessitaria de ajuda psicoterapêutica mais prolongada.

Considerações Finais

De acordo com o que foi experienciado nos atendimentos e supervisões, vimos que a proposta de acolhimento psicológico foi benéfica tanto para pacientes quanto estagiários, pois grande parte dos pacientes atendidos apresentou boa evolução durante o processo. Assim como os estagiários tiveram a oportunidade de articular a teoria com a prática, aprimorar seus conhecimentos e adquirir certa experiência profissional, tão almejada nos últimos semestres do curso.

Porém, percebeu-se também que em certos casos, apenas o acolhimento psicológico não é suficiente para ajudar o paciente, e apesar da proposta deste trabalho ser válida, alguns pacientes, como no caso relatado aqui, não conseguiram concluir o atendimento, visto que ainda não conseguiram elaborar certas questões que lhes eram muito angustiantes, necessitando de um tempo maior em terapia, para se fortalecer e realmente vivenciar uma modificação na sua estrutura egóica. Nota-se assim, a necessidade de que realmente haja o encaminhamento

posterior nestes casos de maior dificuldade.

Referencias

Almeida, W.C. (1996). *Defesas do Ego – literatura didática de seus mecanismos*. São Paulo: Ágora.

Bernardes, A. C. (2003). *Tratar o impossível: a função da fala em psicanálise*. Rio de Janeiro: Garamond.

Brenner, C. (1973). *Noções básicas de psicanálise – Introdução à Psicologia Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.

Maurano, D. (2006). *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Zahar.

Mello Silva, R. R., & Santos, M. A., & Paulin, C. (2005). *Formação em psicologia: serviço escola em debate*. São Paulo: Vetor.

Perfeito, H. C. C. S., & Melo, S. A. (2004) Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. *Rev. Estudos de Psicologia*, 21, 2006. Retrieved in June 03, 2012, from <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n1/a03v21n1.pdf>

Pinheiro, N. N. B. (2002 June). Enlaces transferências: reflexões sobre a clínica psicanalítica no ambulatório hospitalar. *Psicologia ciência e profissão*, 22, 2002. Retrieved in June 15, 2012, from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932002000200006&script=sci_arttext

ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO NA CLÍNICA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Salinas, P., & Santos, M. A. (2002). Serviço de triagem em clínica-escola de Psicologia: a escola analítica em contexto institucional. *Psychè*, 09, 2002. Retrieved in July 02, 2012, from <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/307/30700914.pdf>

Zimerman, D. E. (2006). *Fundamentos psicanalíticos – teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed.

As autoras:

Nayara Fileni Prodócimo é graduanda em Psicologia na UFTM. Rua da Constituição 1180 - apto. 801, Abadia, 38025-110 Uberaba, MG, e-mail: nah_prodocimo@hotmail.com

Martha Franco Diniz Hueb é Doutora em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo e Professora Adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro Rua Cruzeiro do Sul, 106, 38020-110 Uberaba, MG, e-mail: marthahueb@psicologia.uftm.edu.br